

## A dor da alma nas reflexões sobre a vaidade de Matias Aires (1952)\*

Paulo José Carvalho da Silva

366

*Este artigo analisa as relações entre a vaidade e o sofrimento conforme a obra Reflexões sobre a vaidade dos homens, do filósofo paulista Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). Discutem-se algumas fontes de seu pensamento e conclui-se que o autor faz uma fina e ainda atual análise da alma humana.*

**Palavras-chave:** Vaidade, sofrimento, Matias Aires

\* Pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

A vaidade parece ser a paixão da contemporaneidade. Homens e mulheres parecem, mais do nunca, condicionarem sua felicidade e realização pessoal aos ideais ditados pela vaidade. E isso não se limita à exibição da beleza, juventude e poder econômico. Hoje em dia, mais vale ter uma foto na capa da revista do que realmente ter algo importante ou novo a dizer. A inteligência, a elegância e a discrição parecem ter sido eclipsadas pelos efeitos dessa paixão cega que inverte valores: a vaidade domina desde gente supostamente séria como os acadêmicos até aquelas supostas inocentes como as crianças.

Acontece que o império da vaidade não é nenhuma novidade. Aliás, o cenário atual faz lembrar os exageros e dissimulações da vida nas cortes europeias dos séculos XVII e XVIII. Tanto é que as considerações sobre a vaidade produzidas pelos filósofos que viveram naquela época mostram-se muito atuais. É o caso das agudas críticas às consequências éticas, psicológicas e políticas da vaidade, escritas pelo filósofo paulista Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), em suas *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, obra publicada pela primeira vez em Coimbra, em 1752. Matias Aires nasceu em São Paulo, mas teve sua educação completada na Universidade de Coimbra e na França. Embora seu mais importante livro seja conhecido pelos historiadores da cultura brasileira, ele ainda é pouco investigado do ponto de vista da história das psicopatologias. Este artigo é parte resultante da pesquisa “Ideias sobre as dores da alma no Brasil entre os séculos XVI e XVIII”. Em particular, interessa-nos a sua análise sobre as complexas relações entre a paixão da vaidade e as dores da alma ou o sofrimento psíquico.

Em primeiro lugar, Matias Aires (1752) ratificou a ideia, bastante difundida na época, de que a condição humana é caracterizada pelo turbilhão das paixões, pela alternância de gosto e dor:

Que coisa é a vida para todos mais do que um enleio de vaidades, e um giro sucessivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tris-

teza, a aversão e o amor? Ainda ninguém nasceu com a propriedade de insensível; a vida não pode subsistir, sem estar subordinada às impressões do gosto e do sentimento. (p. 74)

Em alguns aspectos, porém, Matias Aires colocou a vaidade no lugar que era atribuído ao desejo pelas doutrinas das paixões com base na filosofia aristotélico-tomista, predominante no Brasil até o século XVIII (Massimi & Silva, 2001). Isto é, o desejo era considerado capaz de, por meio da fantasia do objeto, mover à busca de algo que, na realidade, nem mesmo existiria. Para Matias Aires, é a vaidade que dá existência às coisas que não existem, dá corpo à ilusão, induz a buscar esse mesmo nada.

Em todas as paixões, encontra-se a vaidade de querer vencer. Tentar reprimir as paixões pode ter o efeito contrário daquele esperado porque, em função da vaidade, elas fortificam-se na resistência, encontram mais motivação no combate. Em suas palavras: “Contra um campo aberto não há desejo, nem ardor; a vaidade tem repugnância a entrar pacificamente, armada sim: a muralha incita, porque impede” (Matias Aires, 1752, p. 110).

Esse engano criado pela vaidade anima o ser humano. Se fosse indiferente, não teria esperança e nem partiria para a ação. A falsa ideia de felicidade condicionada pela vaidade causa o desejo:

O conceito que fazemos de qualquer bem, sempre excede ao mesmo bem, e assim perdemos quando o alcançamos; de sorte que a fortuna parece está tanto em possuí-la, como em desejá-la. As fortunas, ou consistem na abundância, ou no poder, ou no respeito: estas são as mesmas fontes donde nasce a vaidade, e com efeito se há vaidade sem fortuna, não há fortuna sem vaidade. (p. 49)

Em analogia ao corpo, que tem partes mais ou menos sensíveis, no “corpo da vaidade” haveria sentimentos que penetram mais fundo, ódios que se tornam arraigados, mágoas que se tornam imperdoáveis. Aliás, a vaidade persuade que a desonra permanece mesmo após a morte e que a infâmia poderá ser sentida eternamente fazendo com que essa paixão seja inconsolável.

A vaidade era, de modo geral, considerada a paixão que faz alguém sentir-se superior. O que não passaria de uma ilusão, afinal, na realidade, todos os seres humanos estariam sujeitos ao mesmo princípio de vida e morte. A natureza não conhece exceções ou privilégios. Conforme Matias Aires, ninguém estaria isento da dor e da tristeza, de sentir o ardor do sol e o rigor do frio, a fome e a sede, enfim, o gosto e a pena.

Todavia, Matias Aires entendia que a vaidade não era apenas a fonte de muitos males, mas também de alguns bens: ações de valor, de generosidade, de constância podem ser motivadas pela vaidade. Mesmo sendo um vício, a vaidade pode ser a causa de um bem, do mesmo modo que há dores que advêm do

gosto e gostos que resultam da dor. Ao que parece, afetos contrários não se anulam necessariamente, o que torna admissível que o vaidoso pratique ações notáveis na mesma medida em que alguém poderia sentir dor e prazer com a mesma experiência.

Em outra passagem de suas reflexões, Matias Aires (1752) retomou essa noção de vaidade como motor da ação e explicou que esse caráter amoral deve-se ao fato de que, para alguém movido pela vaidade, é o impacto da ação que importa e não suas razões: “o objeto da vaidade é que uma ação se faça atender, e admirar, seja pelo motivo ou razão que for” (p. 56).

Em específico, o fato que a vaidade possa gerar bens e até, em certo sentido, proteger o indivíduo está relacionado com sua identificação ao amor-próprio, que em excesso é considerado um vício, mas em falta também não seria saudável. Ora, esse efeito se dá porque, no entender de Matias Aires, os gostos e os desgostos não são mais do que imaginações e, sendo assim, vaidades.

Desejar conhecer as causas dos fenômenos naturais e humanos seria igualmente fruto da vaidade. O mesmo se aplica ao desejo de compreender a origem da dor, uma das mais básicas experiências humanas. Conforme Matias Aires, o verdadeiro conhecimento dá-se pelos sentidos. Por essa razão, toda a especulação filosófica e debates teóricos sobre a causa das paixões, por exemplo, são efeitos ilusórios da vaidade no saber. O filósofo paulista acreditava que a maior parte das coisas desse mundo não pode ser apreendida ou ensinada.

É como se todas as vivências humanas se reduzissem à experiência do gosto e da dor cuja origem, por sua vez, permanece um mistério: “Os efeitos mais sensíveis, e mais certos, são os da dor, e também do gosto; mas quem é o que conhece de que se origina o gosto, nem de que se forma a dor?” (p. 155).

### Vaidade e subjetividade

A vaidade domina a experiência dos afetos e constitui uma espécie de esfera íntima que, inclusive, poderia ser chamada de psicológica, sem muito risco de incorrer em sério anacronismo. Ela é independente do corpo e também do ambiente social, ao mesmo tempo que modela a relação subjetiva que se estabelece com o corpo e com os outros. O que inclui a experiência das dores da alma ou de seus prazeres: “Não vivemos contentes, se a nossa vaidade não vive satisfeita” (p. 42).

Quando não causa, a vaidade acompanha e, por isso, altera os estados da alma, normais ou patológicos. Mais do que isso, ela é constitutiva da própria identidade, ela é quase como uma parte do eu:

Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir conosco a vaidade; e então somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeu o golpe, sempre leva no peito atravessada a seta: nunca podemos fugir de nós; para donde quer que vamos imos com nossos mesmos desvários. (p. 38)

Nem todos padecem do mesmo modo. Haveria uma diferença individual na maneira como as pessoas experimentam as paixões e essa diferença adviria dos graus de satisfação da vaidade. Os homens não são sensíveis ao bem e ao mal na mesma intensidade: “a uns penetra mais vivamente a dor, a outros só faz uma impressão ligeira” (p. 50). Essa diferença individual deve-se à maior ou menor força da alma, ou seja, sua capacidade em resistir ao domínio da vaidade ou em deixar-se levar pela ilusão que ela cria. Está claro, portanto, que as reflexões de Matias Aires sobre a vaidade pressupunham também uma dada noção de alma, suas disposições e estados:

Nas almas deve haver a mesma diferença que há nos corpos; umas mais débeis, outras mais robustas; por isso em umas obra mais o sentimento, e acha mais resistência em outras; em umas domina a vaidade com império e furor, em outras só assiste como coisa natural; naquelas a vaidade é uma paixão com ímpeto, nestas é um vício sossegado, em desordem. (p. 50)

370

O caráter individual da sensibilidade à dor e ao prazer é tratado em vários momentos de suas reflexões. Ou ainda, o homem nu, real, é, no fundo, o ser passivo, afetado pela dor, pela aflição e pela miséria. Entretanto, as paixões criam uma teia de ilusões sobre si mesmo. Seriam elas as formadoras da própria subjetividade, mesmo que enganadora? Matias Aires (1752) mencionou um labirinto interior em que se perde o real de si mesmo: “As paixões formam dentro de nós um intrincado labirinto, e neste se perde o verdadeiro ser das coisas, porque cada uma delas se apropria à natureza das paixões por onde passa” (p. 79).

Embora o ser humano esteja sujeito aos objetos externos, a sua própria apreensão da realidade é condicionada por suas disposições anímicas. Matias Aires afirmou que a delícia dos olhos ou do gosto depende muito mais da disposição de cada um do que propriamente da eficácia do objeto de prazer. Inclusive, porque o que agradava ontem pode não mais interessar hoje. O mesmo ocorre com as penas, que ora são sentidas de um modo, ora de outro. Pode ainda ocorrer uma mudança brusca entre prazer e dor referidos ao mesmo objeto dependendo do que a vaidade representa para si: “A vaidade que comumente produz as nossas alegrias e tristezas, umas vezes tudo nos representa alegre, outras tudo nos oferece triste” (p. 92).

Essa alternância afetiva em relação a um objeto específico também é explicada por meio do costume. O que parece ser mais importante, porém, no enten-

der do filósofo, é que os seres humanos não passam de “instrumentos da vaidade” que os tempera, anima ou deprime.

O próprio pensamento seria dominado pela vaidade porque as paixões da alma não consentiriam neutralidade. Ao postular que as disposições anímicas ou as paixões condicionam a percepção do mundo externo, Matias Aires (1752) acabou por afirmar que o pensamento dependeria mais da disposição que se cria em relação às coisas do que da realidade absoluta das mesmas. Ele sintetizou: “O nosso pensamento não se acomoda às coisas, acomoda-se ao nosso gosto” (p. 126).

### Vaidade na dor

“O gosto e a dor não se podem reduzir a palavras” (Matias Aires, 1752, p. 98). Segundo Matias Aires, gosto e dor são afetos muito primitivos. Mesmo as crianças de berço experimentam inclinações opostas e mal conhecem o idioma das lágrimas que, aliás, podem ser vertidas tanto por gosto como por causa de sofrimento. Alternantes sim, mas concomitantes?

Matias Aires supôs que pode haver vaidade na dor. Há ocasiões em que não se admite o alívio das mágoas e resiste-se a tudo que poderia consolar, como se a persistência do sofrimento fosse prova da injustiça da fortuna e da própria legitimidade da dor. Manter-se firme na dor seria uma forma de buscar a estima dos outros. Como uma grande pena é digna de admiração e respeito, a vaidade persuade a persistir no sentimento penoso. Entretanto, Matias Aires (1752) identificou a vaidade na dor como “delírios de um sentimento vão” (p. 28). Ou seja, trata-se de uma imaginação de algo motivado indiretamente, no caso, a grandeza envolvida na experiência da dor prolongada. Em outras palavras, a demonstração da dor somente faz sentido porque tudo o que é grande é lisonjeiro e promete a admiração do mundo. De qualquer forma, esse caráter delirante está presente na natureza mesma da vaidade, uma vez que toda vaidade é um erro do entendimento, embora seja o que anima as ações humanas de modo geral, ao fazer o homem superar a timidez e a dúvida e inspirar o desembaraço, a confiança, o arrojo, a certeza.

Além disso, ele concebia que os seres humanos podem experimentar vontades opostas. Ao mesmo tempo querem e não querem, condenam e aprovam, buscam e fogem, amam e odeiam. Haveria também uma ideia de combate, para não dizer conflito, no qual, para que uma vença, deve haver o sacrifício de outra vontade:

Temos uma vontade pronta para conhecer e detestar o vício; mas também temos outra pronta para o abraçar; uma vontade nos inclina, a outra arrasta-nos:

a vontade dominante é a que segue o partido da vaidade; por mais que queiramos ser humildes, e que tenhamos vontade de desprezar o fausto, a vontade contrária sempre vence, e se acaso se conforma, a violência com que o faz é um sacrifício. (p. 58)

Evidentemente que Matias Aires não deixou de refletir sobre as consequências lógicas de admitir que o mesmo objeto possa provocar a vontade de maneiras opostas e contraditórias ao mesmo tempo. Por exemplo, ele se perguntou se haveria, de fato, tão pouca distância entre o mal e o bem, entre a aversão e o afeto, ou entre o perfeito e o defeituoso.

Há que se considerar, porém, que Matias Aires (1752) frisou essa metamorfose infeliz entre afetos opostos por definição para ressaltar que somente a vaidade é constante no humano: “Tudo nos é dado como por conta: a vida, a fortuna, a desgraça, a alegria e a tristeza; em tudo há um ponto certo e fixo; a vaidade que governa todas as paixões, em umas aumenta a atividade, em outras diminui; e todas recebem o valor que a vaidade lhes dá” (p. 89).

O filósofo paulista também reafirmou a ideia de que nunca há gozo puro sem algum tipo de perturbação, nem mesmo na vaidade satisfeita. Até mesmo ela tempera a alegria com alguma dose de tristeza. Com toda satisfação, há o receio de perdê-la e, portanto, não há satisfação completa.

Entretanto, um dos efeitos da vaidade, entre outros, seria distrair o pensamento nos momentos de dor:

... nisto é piedosa conosco a vaidade; porque em instantes cheios de dor, e de amargura não nos desampara, antes nas disposições de uma pompa fúnebre, dá ao nosso cuidado uma aplicação, ainda que triste, e faz com que divertido, e empregado, o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa morte, e luzida a nossa mesma sombra. (p. 18)

Assim, a vaidade pode também consolar e suavizar o sofrimento. Tudo depende de como ela faz representar o dano sofrido ou como ela desvia a atenção para longe do foco da dor. Muitas vezes, a tristeza infunde preocupação com o futuro, temor e covardia, e a alma penetrada de dor revela-se no rosto choroso. Segundo Matias Aires (1752), apenas a vaidade é capaz de tornar a dor em prazer, de confundir por meio da aclamação e do aplauso, de converter a dor do golpe em gozo. A vaidade atrai a si toda a sensibilidade e deixa a natureza absorta e indolente: “assim se vê que a vaidade nos livra de uma dor como por encanto; por isso nos é útil, pois serve de acalmar os nossos males; e se os agrava alguma vez, é como a mão do artista, que faz doer para curar” (p. 90).

### Possíveis influências

Alceu Amoroso Lima apontou, em sua introdução ao livro de Matias Aires (2004), o *Les Caractères* do moralista francês Jean de la Bruyère (1645-1696) como uma das mais importantes influências no pensamento do filósofo paulista. De fato, algumas noções defendidas por Matias Aires encontram-se presentes nas reflexões ácidas e irônicas do francês.

Em primeiro lugar, eles compartilhavam, de modo geral, uma concepção muito semelhante da condição humana, isto é, imersa na dor: “Os homens parecem ter nascido para o infortúnio, a dor e a pobreza” (La Bruyère, 1688, p. 247). Entretanto, é sempre bom lembrar que essa ideia de uma natureza humana essencialmente dolorida e inevitavelmente miserável era, a bem da verdade, um lugar-comum amplamente difundido na primeira modernidade (Carvalho da Silva, 2008).

Para La Bruyère, condenado a nunca estar satisfeito, o homem vaga na busca ilusória de preenchimento de seus desejos que sempre se renovarão, remetendo-o à mesma condição miserável. Para Matias Aires, como já visto, é a vaidade que cria a ilusão da necessidade de dadas realizações ou a realidade de objetos, ilusão que recobre o vazio. Para o primeiro, a dor de viver está relacionada ao desejo, para o outro, à vaidade. Para ambos, acreditar que se possa superar tal condição é uma fantasia alimentada pela paixão.

La Bruyère afirma que o ser humano deseja ser estimado pelos outros, por mais que dissimule sua vaidade em nome de uma aparência de virtude, o que não deixa de ser efeito da própria vaidade. Em outras palavras, o ser humano é mais vaidoso do que gostaria de se mostrar. O moralista francês também declarou que a vaidade altera a própria noção de si. A vaidade cria a ilusão de que alguém é estimado quando pode ser justamente o caso contrário. Por isso, ela coloca em risco a prudência, tão exigida no ambiente social, sobretudo na corte.

Além de citar rapidamente La Bruyère, Amoroso Lima identificou o que no pensamento do filósofo paulista é vaidade com a noção de amor-próprio legada por La Rochefoucauld (1613-1680). O moralista francês conferiu enorme destaque ao amor-próprio como afeto fundamental da condução dos atos humanos. Para ele, o amor-próprio é o que permite o julgamento das coisas do mundo, como para Matias Aires era a vaidade: “Nós somente sentimos nossos bens e nossos males à proporção de nosso amor-próprio” (La Rochefoucauld, 1678, p. 75, trad. nossa). De qualquer forma, isso indica que a felicidade está no gosto pessoal, mais do que nas coisas propriamente ditas, o que ambos os filósofos concordavam a sua maneira.

Em um trecho, suprimido após a primeira edição das *Máximas* e que circulou anonimamente após 1659, La Rochefoucauld declarou que o amor próprio é

o amor de si mesmo e de todas as coisas por si mesmo. É um afeto impetuoso, tirano e hábil que concebe, alimenta e aumenta, sem saber, um grande número de afecções e de ódios. Das ilusões sobre si mesmo criadas pelo amor-próprio nascem erros, ignorâncias, grosserias e desconhecimento de suas próprias inclinações e desejos. Ele cria uma espécie de sombra encobridora de si mesmo. É também por meio do amor-próprio que o desejo pelos bens do mundo é aceso, ou seja, é ele que faz desejar mais do que a beleza, o valor e o mérito dos objetos em si. Inconstante, onipotente, amoral e caprichoso, o amor-próprio vive de tudo e de nada, pede o impossível e trabalha pela sua própria ruína.

As *Máximas* de La Rochefoucauld contemplam também reflexões sobre o papel de outras paixões na determinação das posições éticas e políticas de um indivíduo, bem como em suas vivências subjetivas e condutas afetivas e sociais. Junto ao amor-próprio, são importantes filtros do mundo e motores da ação o orgulho, a ambição, o amor da glória, o medo da vergonha, o desejo de conforto e a própria vaidade.

Em alguns aspectos a noção de vaidade de Matias Aires guarda significativas semelhanças com as máximas de La Rochefoucauld (1678) sobre essa paixão da alma. É a vaidade que faz alguém falar e, sobretudo, é o que motiva os elogios nas conversações. E, mais importante, a vaidade, a vergonha e o temperamento fazem o valor do homem e a virtude das mulheres. Ou ainda, muitas supostas virtudes são atos de vaidade. Por exemplo: “O que chamamos de liberalidade é muito frequentemente apenas vaidade de dar, o que amamos mais do que aquilo que damos” (p. 68).

Quando a vaidade não inverte as virtudes, ela tem o poder de animá-las. La Rochefoucauld afirma que as paixões mais violentas são perturbadoras, mas a vaidade nos agita sempre. E disparou: “A vaidade nos faz fazer mais coisas contra nosso gosto que a razão” (p. 85).

Outro ponto em comum entre os dois filósofos é a ideia de que o ser humano pode experimentar afetos e inclinações contrastantes e conflituosos. O francês já afirmava que o homem crê conduzir a si mesmo, mas, na realidade, é conduzido. Ou ainda que enquanto o espírito tende para uma direção, seu coração pode arrastá-lo para outra. A propósito da oposição e estranhamento entre inteligência e afetividade, La Rochefoucauld comentou que: “Todos que conhecem seu espírito não conhecem seu coração” (p. 54).

Afetos opostos podem crescer juntos: “Quanto mais se ama uma amante, mais estará próximo de odiá-la” (p. 54). Estados da alma e disposições de caráter aparentemente contraditórios podem conviver: “Ao envelhecer nos tornamos mais loucos, e mais sábios” (p. 63). Enfim, o ser humano é contraditório por natureza: “A imaginação não saberia inventar tantas contradições quantas há naturalmente no coração de cada pessoa” (p. 85).

Em particular, o moralista escreveu que o orgulho tem a função de evitar sentir a dor da consciência das imperfeições, algo que Matias Aires viria a atribuir, mais uma vez, à vaidade. É, no entanto, na análise das diversas formas de hipocrisia que La Rochefoucauld (1678) legou um exame mais minucioso da pequenez moral na experiência da dor. Ele julgou que, sob o pretexto de chorar a perda de alguém querido, chora-se a si mesmo, lamenta-se a diminuição do bem, do prazer e da consideração uma vez manifesta pelo ausente. Em suas palavras: “(...) os mortos têm a honra de lágrimas que, em verdade, correm pelos vivos” (p. 65). Isso se dá numa espécie de ilusão que ele chamou de hipocrisia.

Haveria, porém, outra hipocrisia menos inocente, aquela de algumas pessoas que aspiram à glória de uma bela e imortal dor. São pessoas que não se cansam das lágrimas, dos lamentos e dos suspiros e que se tornam personagens lúgubres, capazes de persuadir que suas dores não têm fim. Enfim, o que está em jogo nessa dita hipocrisia é o desejo de ser amado, o que também foi posteriormente desenvolvido por Matias Aires a partir da ideia de vaidade.

Quanto ao poder consolador de uma determinada paixão, La Rochefoucauld (1678) o identificou na preguiça e não na vaidade ou mesmo no amor-próprio. Uma máxima, que foi suprimida após a primeira edição, diz que a preguiça é a mais desconhecida e insidiosa das paixões, embora sua violência seja discreta e seus malefícios escondidos. Apesar de sua aparente docilidade, ela domina nossos sentimentos, interesses e prazeres e é até mesmo capaz de amortecer a dor ao substituir o bem perdido:

... o descanso da preguiça é um charme secreto da alma que suspende abruptamente as mais ardentes buscas e as mais firmes resoluções; para dar enfim uma ideia verdadeira dessa paixão, é necessário dizer que a preguiça é uma beatitude da alma, que a consola de todas as perdas, e toma o lugar e todos os bens. (p. 97-98)

Enfim, a condição de padecer de paixões violentas, conflituosas e inconstantes faz com que, no entender de La Rochefoucauld, a saúde da alma não seja mais assegurada do que aquela do corpo e que em ambos, alma e corpo, as recaídas das enfermidades e as cicatrizes mal curadas sejam uma ameaça constante.

Embora Matias Aires estivesse mais interessado no pensamento francês do final do século XVII, cabe lembrar que o maior expoente da cultura lusa seiscentista, o padre Antônio Vieira (1608-1696), também discorreu, em várias ocasiões, sobre a vaidade. Mesmo não considerando a vaidade uma paixão pivô, como defenderia o filósofo paulista no século seguinte, Vieira afirmou que ela pode ser responsável pela inconstância das ações humanas e pode fazer com que os homens percam-se de si mesmos. No “Sermão das Exéquias do Conde de Unhão D. Fernão Telles de Menezes”, pregado em Santarém, em 1651, o sermônista

observou: “Os homens, como somos camaleões da vaidade, mudamos de cor a cada mudança de vento: quantos são os ventos de que nos sustentamos, tantas são as cores de que nos vestimos” (Vieira, 1651, v. XV, p. 347). É evidente que ele criticou essa falha moral: “Portae-vos de tal maneira, sendo sempre o mesmo, que vos possam todos louvar, ao menos que vos possam conhecer” (p. 347).

De qualquer forma, o tema do *vanitas* (extraído do Eclesiastes: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*) estava muito presente no discurso católico contrarreformado do século XVII. Afinal, de que vale tanta vaidade se a própria vida é uma sucessão de mortes. Nesse mesmo sermão, Vieira (1651) avisou: “A adolescência é morte da puerícia; porque acabamos de ser meninos: a juventude é morte da adolescência; porque acabamos de ser moços: a idade varonil é morte da juventude; porque acabamos de ser mancebos: e assim vamos morrendo a todas as idades (v. XV, p. 348).

Já no “Sermão do Primeiro Domingo de Quaresma”, de 1655, Vieira (1655) ressaltou que a importância da vaidade depende do investimento afetivo que se dá a ela: “A vaidade não amada não tem peso, porque é vaidade; mas essa mesma vaidade amada, pesa mais que tudo, porque o nosso amor, e o nosso affecto, é o que falsamente lhe dá o peso. De maneira que o peso não está nas coisas, está no coração, com que as amava” (v. II, p. 393).

Para Matias Aires, a vaidade modela a visão dos objetos e faz triste ou alegre. Para Vieira, em consonância com a tradição aristotélica-tomista, são as várias paixões que dão o colorido à percepção das coisas:

A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as espécies, para que vejam uma coisa por outra. E esta é a verdadeira razão ou sem razão, de uma tão notável cegueira. Os olhos vêm pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as coisas lhe parecem daquela cor, assim as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, affectos os corações. (Vieira, 1669, v. IV, p. 111)

Vaidade ou outra paixão, fato é que o problema dos afetos preocupou os moralistas da Idade Moderna. Além de modular a relação com o mundo, os afetos eram pensados como uma experiência geradora de prazer e dor que podia ser tanto estimulante como destrutiva. A tensão entre afeto e razão parece ter sido o ponto fulcral das ideias psicológicas do período. Em particular, as reflexões de Matias Aires sobre as relações entre a vaidade e as dores da alma representam um gênero de psicologia filosófica crítica, minuciosa e, sobretudo, empenhada em revelar a verdade sobre a alma humana, mesmo que isso não resulte numa capa lá muito vistosa.

## Referências

- CARVALHO DA SILVA, P. J. A natureza dolorida do humano: meditações sobre a dor de viver em obras do século XVII. In: BAPTISTA, A. M. H. (Org.). *Imagens da natureza*. Lisboa: Apenas Livros, 2008. p. 19-33.
- LA BRUYÈRE, J. (1688). *Les caractères de Théophraste traduit du grec*. Les caractères ou les moeurs de ce siècle. Paris: Bookking International, 1993.
- LA ROCHEFOUCAULD (1678). *Maximes et réflexions diverses*. Paris: Garnier-Flammarion, 1977.
- MASSIMI, M.; CARVALHO DA SILVA, P. J. (Org.). *Os olhos veem pelo coração*. Conhecimentos psicológicos das paixões na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII. Ribeirão Preto: Holos/Fapesp, 2001.
- MATIAS AIRES, R. S. E. (1752). *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da vaidade oferecidos a el-rei nosso senhor D. José I*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIEIRA, A. (1651, 1655, 1669). *Sermões*. Porto: Lello e Irmão, 1951. 15 vs.

## Resumos

377

(El dolor del alma en las reflexiones sobre la vanidad de Matias Aires [1752])

*Este artículo analiza las relaciones entre la vanidad y el sufrimiento conforme a la obra "Reflexiones sobre la vanidad de los hombre" del filósofo paulista Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). Se discuten algunas fuentes de su pensamiento y se concluye que el autor hace una fina y todavía actual análisis del alma humana.*

**Palabras claves:** Vanidad, sufrimiento, Matias Aires

(La douleur de l'âme dans les réflexions sur la vanité de Matias Aires [1752])

*Cet article analyse les rapports entre la vanité et la souffrance selon l'œuvre "Reflexões sobre a vaidade dos homens" (Réflexions sur la vanité des hommes) du philosophe Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), originaire de São Paulo. On y discute aussi quelques unes de ses sources et on conclut que ce philosophe a produit une analyse détaillée et toujours actuelle de l'âme humaine.*

**Mots clés:** Vanité, souffrance, Matias Aires

(Pain of the soul in [Reflections on Vanity], by Matias Aires [1752])

*This article discusses the relationships between vanity and suffering according to the Brazilian philosopher Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763) in his*

*Reflexões sobre a vaidade dos homens (Reflections on Human Vanity). Some of his sources are also mentioned, and the author of the article concludes that Aires produced a splendid and still pertinent analysis of the human psyche.*

**Key words:** Vanity, suffering, Matias Aires

**Citação/Citation:** CARVALHO DA SILVA, P.J. A dor da alma nas reflexões sobre a vaidade de Matias Aires (1752). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 366-378, jun. 2009.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Paulo José Carvalho da Silva.

**Recebido/Received:** 17.4.2009 / 4.17.2009 **Aceito/Accepted:** 24.4.2009 / 4.24.2009

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** Pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp/Research funded by the Foundation for Research Support of the State of Sao Paulo.

**Conflito de interesses:** O autor declara que não há conflito de interesses/The author declares that has no conflict of interest.

**PAULO JOSÉ CARVALHO DA SILVA**

Psicólogo, psicanalista, mestre em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo – USP (Ribeirão Preto, SP, Brasil); professor doutor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP (São Paulo, SP, Brasil); membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Brasil).

Rua Cajaíba, 15

05025-000 São Paulo, SP, Brasil

Fone: (11) 9248-9202

e-mail: paulojcs@hotmail.com